



INFÂNCIA, FUGA E DESTERRO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – UM RELATO TESTEMUNHAL

Ursula Schröder
Wilhelm Schröder
Andreas Schröder
Ulrike Schröder

1. Introdução

Aproximadamente 14 milhões de pessoas tiveram que deixar sua pátria na Europa Oriental e Europa Centro-Leste – regiões agora polonesas, do outro lado dos rios Oder e Neiße –, Prússia Oriental e as regiões de intensa diversidade cultural da Boêmia e Morávia – parte da República Tchecoslováquia –, além disso, Hungria, Iugoslávia e Romênia, o que estudos recentes chamam a maior migração de povos desde a antiguidade (Kleikamp 2015). O tópico “Segunda Guerra Mundial”, “fuga e desterro”, bem como, de forma geral, “experiências de guerra”, depois de uma época de um silêncio duradouro na Alemanha, tornou-se um tema muito atual nos últimos anos,¹ justificado também, em virtude do debate causado pela repercussão da publicação do romance *A passo de caranguejo* (2002) de Günther Grass. Neste livro, em que Grass se dedica a narrar sobre o naufrágio do navio de refugiados *Wilhelm Gustloff* no ano 1945, a figura do “velho”, que se encarrega de escrever a história, reflete sobre o que poderia ter sido tarefa de sua geração: dar voz aos refugiados oriundos da então Prússia Oriental: “Nunca, afirma ele, devíamos ter nos calado sobre tanto sofrimento, deixando esse tema proibido para as pessoas envolvidas com a direita, só porque nossa própria culpa era indiscutível e a confissão de arrependimento ficou em primeiro plano em todos aqueles anos” (Grass 2002, p.99).²

Como a problematização sobre o cotidiano ganhou espaço na literatura e nos debates públicos na Alemanha, após anos de silenciamento da população, os relatos também se tornaram fontes preciosas de acesso à informações sobre aquele período. Por considerarmos que tais relatos devam ser publicados para acesso das gerações futuras, apresentaremos os relatos de duas testemunhas dos tempos da Segunda Guerra Mundial que, naquela época, ainda eram crianças: Ursula Schröder, que na ocasião tinha dez anos quando fugiu da Prússia Oriental. Ela conta a história dessa fuga e, seu marido, Wilhelm Schröder, conta como ele vivenciou a guerra como filho mais velho de uma família de quatro crianças em Verden, às margens do Rio Aller, na Alemanha Ocidental.

Os dois relatos foram apresentados no evento *Infância, Fuga e Desterro na Segunda Guerra Mundial* que foi organizado na UFMG, em Belo Horizonte, no dia 8 de março de 2016 pelo NEGUE (*Núcleo de Estudos de Guerra e Literatura*), bem como pela *Área de Alemão*.

2. Ursula Schröder: Fuga da Prússia Oriental

Até o final da Segunda Guerra Mundial, a Prússia Oriental era a província mais ao nordeste da Alemanha. Vê-se as fronteiras da Alemanha no dia 31 de dezembro de 1937 no mapa 1.

1 Cf., entre outros, o livro de Bode (2009) *Die vergessene Generation. Kriegskinder brechen ihr Schweigen*.

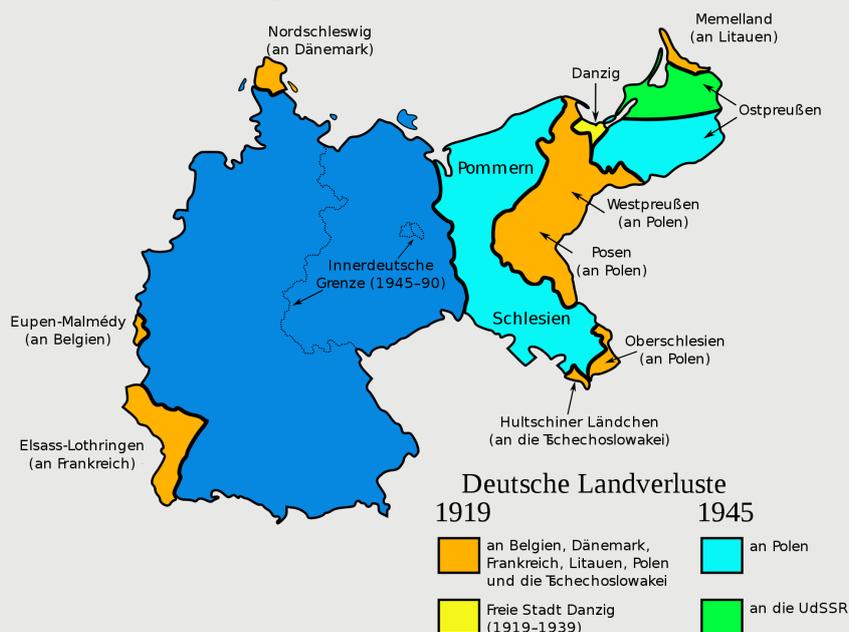
2 Sobre a quebra de tabu que o livro *Im Krebsgang* (Grass 2002) provocou, cf., entre outros, o artigo “Literaturdebatte: Autoren unter Generalverdacht” de Volker Hage em DER SPIEGEL, 09.04.2002.



Império Alemão 31/12/1937

Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2e/DR1937.1.png>

A província da Prússia Oriental pertence a Prússia (azul) e forma um exclave do Império Alemão no nordeste. Já depois da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha teve que ceder regiões que estão marcadas em azul-claro no mapa. Depois da Segunda Guerra Mundial, os territórios em verde foram concedidos para a Polônia e os territórios em amarelo foram concedidos para a União Soviética. Depois de 1945, a população alemã teve que ser expulsa desses territórios, sobretudo aqueles que ainda não a tivessem deixado janeiro e fevereiro, devido à chegada do Exército Vermelho.



Perdas de território 1919-1945

Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/ea/DeutscheLandverluste.svg/2000px-DeutscheLandverluste.svg.png>



A paisagem de Masúria, onde se encontra minha cidade natal, hoje é polonesa e um destino de passeio turístico muito popular. É caracterizada por paisagens extensas, com colinas, alamedas longas, construções góticas, castelos de ordens religiosas e igrejas barrocas, além de ter o apelido “país dos 1000 lagos”. Uma atração é o assim chamado *Frische Haff*,³ uma lagoa que, a norte, é separada do Mar Báltico por uma restrição, o *Frische Nehrung*. Naquela época, por causa da sua colheita rica de cereal e batatas, a Prússia Oriental também era conhecida como o “depósito de grão da Alemanha”.

Foi neste local que nasci em 1935 - na cidade de Bischofsburg - e onde vivenciava uma infância serena. Também depois do começo da Segunda Guerra Mundial em 1939, as consequências imediatas da guerra poupavam nossa cidade. Nossos pais mantiveram qualquer relato sobre a guerra longe de mim e dos meus irmãos.

Em novembro de 1944, um tio que era soldado nos visitou, e alertou minha mãe para a urgência de uma fuga imediata devido à chegada dos russos que se anunciava. Ele também a recomendou começar a enviar encomendas com os bens da família para algum endereço na Alemanha Ocidental. Foi, então, que minha mãe começou a enviar roupas de cama, vestuários e acessórios de bebê para a parte ocidental da Alemanha, uma vez que ela estava grávida. Não obstante, eu ainda vivenciei junto a minha família (meu pai tinha 45 anos, minha mãe 43, meus irmãos seis e oito anos e eu tinha nove anos) um natal feliz⁴ antes de janeiro de 45, quando o Exército Vermelho chegou na Prússia Oriental.

Até este momento a evacuação da população era impedida pelo Estado, mas nesse momento deram a ordem para a evacuação imediata.⁵ Naquele tempo, como soldado, meu pai estava em outra cidade, a aproximadamente trinta quilômetros de Bischofsburg, para onde ele foi chamado em função de patrulhar prisioneiros russos de guerra. A unidade dele também recebeu ordem de marcha de deixar a cidade junto aos prisioneiros. Ele recebeu uma autorização para levar a família ao comboio de refugiados pela unidade e, assim, informou minha mãe. Ela imediatamente fez as malas e caixas, juntando roupa, porcelana e talheres de prata. Nós crianças fomos vestidas com mais de uma peça de roupa para nos mantermos aquecidas, uma vez que havia muita neve e as temperaturas chegavam a vinte graus negativos. Além disso, minha mãe pendurou, em cada um de nós, uma bolsa de couro no pescoço. Nela, ela anotou nosso primeiro nome, sobrenome, dia de nascimento, local de nascimento, os nomes dos pais, bem como o endereço de dois parentes em Berlim, caso algum de nós fosse perdido.⁶

No dia 20 de janeiro de 1945, a unidade do meu pai nos buscou junto a 16 carroças de cavalo nas quais já se encontravam outros refugiados. No comboio, primeiro, fomos em direção ao Mar Báltico, pois naquela época este era o único caminho para chegar na direção ocidental, uma vez que o Exército Vermelho já ganhara terreno de modo que o caminho por terra já havia sido interdito. No entanto, conseguimos apenas alcançar Bischofsstein, uma cidade com uma distância de cerca de trinta quilômetros da minha

3 Longitude: 80 quilômetros; extensão menor: 7,5 quilômetros.

4 Esta percepção não apenas reflete a perspectiva da criança, mas também corresponde à impressão geral entendida também pela propaganda nazista. Destarte, Kossert (2001: 351) escreve sobre Masúria em dezembro de 1944: “A festa de Natal foi comemorada com uma tranquilidade enganadora.”

5 Devido ao lema oficial dos nacional-socialistas de manter a resistência, as providências necessárias para a evacuação dos territórios no leste são tomadas tarde demais (Broszat & Frei 1989, 287). A seguinte citação também é elucidativa: “Mas ainda vivia a esperança que o ‘rolo compressor russo’ poderia ser parado e mais ganhos territoriais poderiam ser evitados. Quem mesmo assim não se deixava acalmar e continuava desejando deixar a terra em direção ocidental, enfrentava a proibição restrita, compreendendo até pena de morte, do *Gauleiter* Erich Koch e da NSDAP. Esta proibição também formava um dos motivos principais para o caos que se instalou poucos dias depois da abertura da ofensiva soviética do inverno, no dia 12 de janeiro de 1945. Nada era preparado, nada era organizado quando se revelou que os tanques e a infantaria do Exército Vermelho romperam as linhas alemãs em todo lugar...” (Giordano 2004: 100).

6 Muitas crianças se perdiam durante a fuga, parcialmente eram reencontradas anos depois pela Cruz Vermelha. Os livros *Wir sind die Wolfskinder: Verlassen in Ostpreußen* (Winterberg 2014) e *Wolfskind: Die ungläubliche Lebensgeschichte des ostpreußischen Mädchens Liesabeth Otto* (Jacobs 2011) contam a história dessas crianças que, muitas vezes, sobreviviam por anos na floresta de Lituânia.



cidade natal. Lá, os comboios represavam. Por conseguinte, passamos uma semana neste lugar sem poder continuar. No final de janeiro – lembro-me de já ouvirtrovão de canhões, aviões, o que mostrava-nos quão perto a frente estava –. Finalmente, tivemos que partir precipitadamente e continuamos de carroças de cavalo em direção ao Mar Báltico. A viagem para o Mar Báltico demorou alguns dias e foi interrompida constantemente por engarrafamentos. Por causa do número enorme de refugiados em carroças de cavalo ou a pé muitas vezes as pessoas ficavam presas no meio de caminho.



Fuga perto de Bischofsstein

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c6/Bundesarchiv_Bild_146-1976-072-09,_Ostpreu%C3%9Fen,_Fl%C3%BChtlingtreck.jpg

No dia 2 de fevereiro, depois de percorrermos mais de 100 quilômetros, chegamos à baía congelada de *Frisches Haff*, a grande lagoa no Mar Báltico que oferecia a única oportunidade de continuar em direção ocidental ao ultrapassar o gelo até o istmo (*Frische Nehrung*). Como neste momento estavam fazendo 24 graus negativos e a lagoa era gelada, era possível atravessar o mar até o istmo. Milhares de refugiados escolhiam este caminho como última saída. Por isso, com o tempo, o gelo começou a quebrar e a passagem se tornava perigosa. Ademais, como caças russos começaram a atacar os comboios no gelo, bem como a lançar granadas, arriscamos a passagem, de aproximadamente dez quilômetros, apenas durante a noite. Nosso comboio também fora atacado. Havia locais no gelo que já estavam tão quebradiços que quatro das carroças junto aos cavalos afundaram nos blocos de gelo flutuantes. A carroça junto à nossa bagagem era uma delas. Agora, apenas tínhamos o que usávamos em nosso corpo. Mesmo assim, nossa alegria era enorme quando alcançamos o istmo. No Istmo também não podíamos continuar devido a novos engarrafamentos que se formavam, sobretudo porque havia muita gente e o istmo tem uma largura de apenas 600 a 2000 metros.



Depois de cerca de vinte quilômetros nosso comboio, agora apenas composto por dez carroças, chegou em Stutthof, onde fomos alojados em prédios administrativos. Foi apenas muitos anos depois que fiquei sabendo que estes prédios pertenciam ao campo de concentração de Stutthof. No dia seguinte, um caminhão da Força de Defesa Alemã nos levou para Gdańsk que ficava a 50 quilômetros de Stutthof. A unidade do meu pai foi posta em outro lugar e tivemos que nos despedir dele. Em Gdańsk, fomos hospedados na casa de uma família onde passamos uma semana. Em seguida, fomos de caminhão na direção ocidental até a cidade de Pasewalk que fica a 400 quilômetros de Gdańsk. Daí, usaram-se trens para transportar o grande número de refugiados para divulgá-los na Alemanha Ocidental. Nosso trem foi para a Alemanha Noroeste, para a cidade de Oldenburg, perto de Bremen.

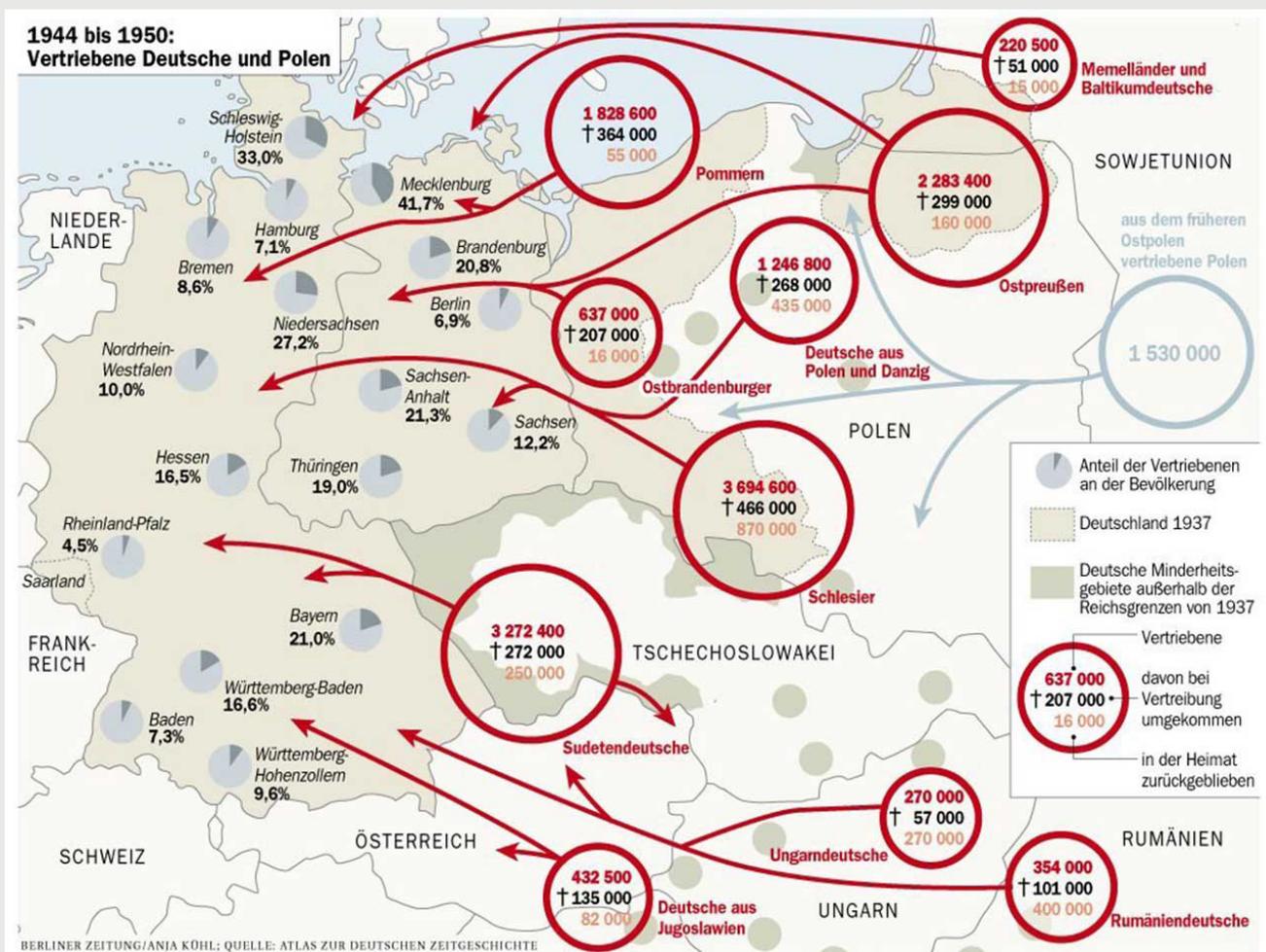


Evacuação de trem

Fonte: http://www.hist-chron.com/eu/CSSR/ZDF2004_NS-bes-u-rache-vertreibungen-d/fluechtlingszug-ankunft-Berlin-sommer-1945.jpg

Em uma cidade perto de Verden, que fica a 30 quilômetros ao sul de Bremen, aviões britânicos de guerra sobrevoavam os trens. Para não se tornar visível, o trem parou em um vale arborizado e os aviões não nos encontraram e foram embora. Em nosso trem se encontrava uma *Flak* (= *Flugabwehrkanone*), um canhão de defesa aérea, para atirar em aviões em ataque. O soldado que ficava responsável por este *Flak*, aparentemente se sentiu atacado e começou a atirar nos aviões britânicos que já haviam mudado de rota. Estes, por conseguinte, voltaram e iniciaram o fogo direcionado ao trem. Os refugiados entraram em pânico e deixaram o trem correndo por um campo aberto em busca de proteção em uma floresta por trás. Nisto, muitas pessoas foram feridas e 14 pessoas morreram. A locomotiva do trem foi danificada tão gravemente que não foi possível continuar a viagem. Fomos hospedados em uma aldeia próxima onde moramos até 1950.

Isto foi o final de uma rota de fuga de aproximadamente 1000 quilômetros que começou no dia 20 de janeiro de 1945 e terminou no dia 22 de fevereiro de 1945. No total, eram aproximadamente 2,3 milhões de refugiados que deixaram a Prússia Oriental no final da Segunda Guerra Mundial, 300.000 morreram e apenas 160.000 ficaram na Prússia Oriental. Os movimentos de fuga estão ilustrados na figura 5:



Fuga da Prússia Oriental

Fonte: http://www.70-jahre-kriegsende.de/assets/images/k7/k7i5_1280.jpg7

Depois de ter encontrado um alojamento, minha mãe escreveu à família para a qual ela tinha enviado as encomendas em novembro de 1944. E, de fato, o correio ainda estava funcionando, por isso recebemos nossas encomendas. Foram os únicos objetos que conseguimos salvar, uma vez que o restante tinha afundado no *Haff*. Como também as coisas de bebê estavam nos malotes, meu irmão, que nasceu no início de junho de 1945, foi o único da nossa família que possuiu enxoval completo.

Em julho de 1945, meu pai foi libertado do cativeiro russo e recebeu nosso endereço de parentes em Berlim onde deixamos uma notícia depois da nossa fuga. Ele chegou em nosso novo lar e assim, nossa família ficou reunida e se iniciou uma nova etapa de vida.

3. Wilhelm Schröder: A Guerra em Verden

Eu nasci em 1933 na cidade de Verden, que fica perto de Bremen, no Estado da Baixa Saxônia, naquela época ainda pertencente à província Hannover. Naquele tempo, meus pais ainda moravam, junto a nós (três filhos), com meus avós paterno e meu pai, junto ao meu avó, que gerenciava um açougue.

Em janeiro de 1933 iniciou-se a era nazista. O líder da NSDAP (=Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães), Adolf Hitler, foi nomeado Chanceler da Alemanha pelo presidente Paul von Hindenburg. Seis anos depois, no dia 1 de setembro de 1939, as forças armadas alemãs começaram a Segunda Guerra Mundial por sua invasão da Polônia, primeiro na região de Gdańsk. Logo depois, no dia 3 de setembro, a França e a Grã-

⁷ Fonte original: *Atlas zur deutschen Zeitgeschichte*, publicado na *Berliner Zeitung* número 19, novembro 2014, página 8.



Bretanha, que eram aliadas da Polônia, declararam guerra à Alemanha, mas não intervieram no conflito, o que teve como consequência que cada vez mais homens alemães foram mobilizados para a guerra. Meu pai, que naquela época tinha 27 anos, também esperava que o chamassem. Porém, como ele fazia parte do corpo dos bombeiros voluntários, ele via nisso uma oportunidade de evitar o recrutamento para as tropas armadas.

Nesta época, Wilhelmshaven, uma cidade portuária no Mar do Norte, se tornava porto de guerra, isto é, porto base dos navios de guerra. Como consequência disso, a cidade, bem como a zona portuária, eram bombardeadas pelos aviões militares britânicos, o que resultou em incêndios repetitivos que tinham que ser combatidos pelo corpo de bombeiros. Portanto, solicitaram muitos bombeiros e meu pai se alistou em Wilhelmshaven evitando, assim, seu recrutamento para as tropas armadas na Polônia e, mais tarde, na França.

Contudo, durante um ataque de bombas em que ele estava trabalhando para apagar um fogo, ele foi ferido tão seriamente que tiveram que amputar uma perna dele. Durante a amputação ele morreu em outubro de 1940. Foi só um dia após a morte dele que nasceu minha irmã e foi justamente por isso que, em um primeiro momento, ninguém informou minha mãe sobre o falecimento do meu pai. Levaram-na para a casa dos pais dela que gerenciavam uma padaria em Dauelsen, uma aldeia perto de Verden.

Logo após a morte do meu pai, minha mãe saiu da casa dos seus sogros junto aos seus quatro filhos e moramos em outro apartamento em Verden. Embora ela tenha recebido uma pensão por morte, como ela tinha que alimentar quatro crianças, isso apenas era possível com o apoio adicional dos meus avós. Em um primeiro momento, não me lembro de ter notado muito com relação à guerra que estava avançando. Todavia, mais tarde, acontecia cada vez mais e durante a noite, as grandes cidades perto de Verden, a saber, Bremen e Hamburgo, eram bombardeadas de modo que era possível ver o céu que se tornava vermelho em virtude dos incêndios deixados pelas bombas. Frequentemente, tivemos que nos esconder no refúgio antiaéreo. Às vezes, bombas incendiárias também foram lançadas perto da nossa cidade. Fora isso, a vida continuava como se não estivesse acontecendo. Novos acontecimentos com respeito à guerra apenas nos chegaram pelo rádio.



Mães e filhos no refúgio antiaéreo

Fonte: http://images.google.de/imgres?imgurl=http://www.erfurt-web.de/images/thumb/LuftschutzkellerMarktstra%25C3%259Fe.jpg/400px-LuftschutzkellerMarktstra%25C3%259Fe.jpg&imgrefurl=http://www.erfurt-web.de/Luftkrieg_Luftschutzkeller_Stadtmuseum&h=253&w=400&tbnid=FBH5-7EWrSPw3M:&tbnh=90&tbnw=142&docid=HRMv5ZrPAuWr3M&usg=__uK1BJ4M2VVe2qFbj6nhRJApb-o=&sa=X&ved=0ahUKewiD1eLGhMnMAhUDmh4KHZv_AFWQ9QEINTAC



Foi em 1945 que tropas britânicas se aproximavam da província Hannover e, com isso, tínhamos que temer lutas reais. Os britânicos começaram a mirar Verden a partir de abril de 1945. Havia soldados alemães também perto da nossa casa. Além disso, detonaram as pontes que levavam acima dos rios Weser e Aller o que causou pânico em nós e, como consequência, deixamos nosso apartamento. Por causa das pontes detonadas, os soldados britânicos não invadiram Verden do oeste, mas do norte e do leste, o que concomitantemente formava a única saída da cidade para os habitantes que queriam deixar suas casas e fugir (Koch 1984: 145-162).

Nós, crianças, fomos a pé junto a um carrinho de mão com nossas coisas para a casa dos pais da minha mãe em Dauelsen, perto de Verden. Minha mãe chegou depois de bicicleta. Mas lá também estávamos no meio das duas frentes de guerra e tivemos que ir para o porão cada vez que começavam a atirar. Lá, finalmente, fomos descobertos pelos soldados britânicos depois que eles tinham ocupado Dauelsen. Alguns dias depois, mudamos novamente para Verden, para nosso apartamento onde também havia soldados britânicos, mas eles deixaram o lugar e nos devolveram nosso lar.



Soldados britânicos em Verden

Fonte: http://www.jonathanhware.com/uploads/1/6/2/1/16216218/7749459_orig.png

No dia 8 de maio de 1945 a guerra acabou. Pouco a pouco, reiniciou-se uma vida normal. Mesmo em quantidade baixa, voltaram bebidas e comida. Começaram a divulgar cartões de alimento.⁸ Em comparação a outras pessoas, tivemos muita sorte uma vez que meus avós de Dauelsen geriam uma loja de alimentos e uma padaria e nos apoiavam.

No outono de 1945 recomeçaram as aulas da escola, que foram interrompidas na Páscoa de 1945. Na primavera de 1946, meu avô paterno morreu e nos mudamos para a casa da nossa avó.

Durante meu tempo escolar, em 1952, conheci minha mulher. Eu frequentava o liceu para meninos e ela o liceu para meninas. Foi agora, que fiquei sabendo da história dela, que ela estava no comboio de refugiados que foi atacado pelos aviões britânicos de guerra em Dauelsen. Os refugiados que sobreviveram a esse ataque, ficavam em Dauelsen ou em Verden.

⁸ Estes cartões de alimento serviam para o racionamento dos alimentos. As pessoas tinham que ficar em filas e recebiam alimentos básicos como batatas, pão, carne, açúcar, sal, carne, café e chá em relação à categoria de trabalho que ocupavam, bem como em dependência do sexo e da idade delas.

4. Considerações Finais

A Segunda Guerra Mundial provocou um número tão grande de vítimas como nenhuma outra guerra anteriormente. Concomitantemente, nunca antes atrocidades tinham chegado a dimensões tão horrorosas do destroço de vida como o regime nazista executou através da execução de mais de seis milhões de judeus e milhares de civis que, por causa da sua etnia, da sua orientação sexual, do seu estado de saúde ou da sua opinião política não se encaixavam na ideologia nazista. Por muitas décadas, a política e a sociedade da Alemanha foram cunhadas pela Segunda Guerra Mundial e o regime de terror nazista, mesmo ainda que os próprios alemães muitas vezes não tenham tematizado suas próprias vivências traumáticas por se sentirem responsáveis pela morte de tantas pessoas na guerra. Isto mudou durante os últimos anos e muitos perceberam que os alemães perderão algo muito valioso se eles não quebrarem este silêncio e abrirem espaço para passar a palavra também àqueles que, como alemães, como refugiados, como crianças que já cedo tinham que assumir uma parte de um adulto perdido, vivenciavam a guerra e cuja biografia se constituiu neste passado. O objetivo deste artigo foi contar duas destas histórias e abrir espaço também ao leitor brasileiro para um relato pessoal de guerra daquela época.

Referências

- BODE, Sabine. *Die vergessene Generation. Die Kriegskinder brechen ihr Schweigen*. München: Piper, 2009.
- BROSZAT, Martin & FREI, Norbert. *Das Dritte Reich im Überblick: Chronik, Ereignisse, Zusammenhänge*. München, Zürich: Piper, 1989.
- GIORDANO, Ralph. *Ostpreußen ade. Reise durch ein melancholisches Land*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2004.
- GRASS, Günther. *Im Krebsgang – Eine Novelle*. Göttingen: Steidl Verlag, 2002.
- HAGE, Volker. “Literaturdebatte: Autoren unter Generalverdacht”. In: *DER SPIEGEL*, 09.04.2002; Acesso: <http://www.spiegel.de/kultur/literatur/literaturdebatte-autoren-unter-generalverdacht-a-190969.html>.
- JACOBS, Ingeborg. *Wolfskind: Die unglaubliche Lebensgeschichte des ostpreußischen Mädchens Liesabeth Otto*. Berlin: List, 2011.
- KLEIKAMP, Antonia. Als Millionen Deutsche selber Flüchtlinge waren. In: *Die Welt*. 19.05.2015. Acesso: http://www.welt.de/geschichte/zweiter-weltkrieg/article_141112932/Als-Millionen-Deutsche-selber-Fluechtlinge-waren.html.
- KOCH, Heinrich. “Die letzten Tage”. In: SINDEL, Kurt (Hg.). *Verden. Ex Libris*. Bremen: Schünemann Verlag, 1984, S. 145-162.
- KOSSERT, Andreas. *Masuren. Ostpreußens vergessener Süden*. München: Pantheon. Verlag, 2001.
- WINTERBERG, Sonya. *Wir sind die Wolfskinder. Verlassen in Ostpreußen*. München: Piper, 2014.

Recebido em 15 de maio de 2016.
Aprovado em 14 de novembro de 2016.